

A ORGANIZAÇÃO DE PRODUTORES NOS MUNICÍPIOS DE FRANCISCO BELTRÃO E DE VERÊ – PR PARA A COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS

ORGANIZATION MUNICIPALITIES PRODUCERS OF THE FRANCISCO BELTRÃO AND VERÊ - PR FOR THE ORGANIC FOOD MARKETING

Suzana Gotardo de Meira¹; Luciano Zanetti Pessôa Candiotto²

¹ UNIOESTE - campus de Francisc . Email: suzanagmeira@hotmail.com

² UNIOESTE - campus de Francisc . Email: lucianocandiotto@yahoo.com.br

Artigo recebido em 01/12/2010 e aceito em 14/02/2011

RESUMO

Considerando a relação entre agroecologia e agricultura familiar, o crescimento de experiências de agricultura orgânica e a importância da organização dos produtores para a comercialização da produção, apresentamos aqui, os resultados de uma pesquisa de iniciação científica, realizada entre agosto de 2008 e julho de 2009, que objetivou apreender a trajetória de organização de dois grupos de agricultores com produção orgânica em municípios da região Sudoeste do Paraná, sendo a Associação de Produtores Agroecológicos de Verê (APAV), e as formas de organização dos produtores orgânicos de Francisco Beltrão. Essa pesquisa contribuiu para fundamentar a metodologia de um projeto de pesquisa/extensão, intitulado: *Agricultura familiar agroecológica nos municípios de Itapejara d'Oeste, Salto do Lontra e Verê (Sudoeste do Paraná), como estratégia de inclusão social e desenvolvimento territorial*, do qual também se fazem presentes algumas considerações. Esse projeto foi financiado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) e fez parte do Programa Universidade sem Fronteiras (USF).

Palavras-chave: agroecologia, agricultura orgânica, produção, organização, comercialização.

ABSTRACT

Considering relationship between agroecology and family farming, the growth of organic farming experience and the importance of organization of producers to market the production, here are the results of a scientific initiation, performed between August 2008 and July 2009, which objective at understanding the trajectory of organizing groups of farmers to organic production in cities of the Southwest region of Paraná, the Association of agroecological producers of Vere (APAV), and forms of organization of organic producers Beltrão Francisco. This research contributed to support the methodology of a research project / extension, titled: *Family Farming in the municipalities of agroecological Itapejara d'Oeste, Salto do Lontra and Vere (South-West of Paraná), as a strategy for social inclusion and territorial development*, which also present some considerations. This project was funded by the State Secretariat of Science, Technology and Higher Education (SETI) program and was part of the University Without Borders (USF).

Key words: agroecology, organic agriculture, production, organization, marketing.

INTRODUÇÃO

No Sudoeste do Paraná, a agricultura orgânica e mais timidamente a agroecologia vem apresentando um crescimento significativo em virtude do predomínio de unidades rurais familiares e do apoio de entidades de classe, ONG's e instituições públicas ligadas à agricultura familiar/camponesa. Frente os desafios da humanidade em busca de formas de desenvolvimento mais sustentáveis, que levem em consideração as dimensões, ambiental, sociocultural, econômica, produtiva e política de forma integrada, a agroecologia vem se apresentando como uma das alternativas de desenvolvimento adequada à realidade da agricultura familiar. Nesse sentido, o GETERR (Grupo de Estudos Territoriais) da UNIOESTE, Francisco Beltrão, vem procurando apreender os avanços e dificuldades de práticas relacionadas à agroecologia na região, considerando aspectos produtivos, organizativos, de certificação e de comercialização dos alimentos orgânicos/agroecológicos. Optamos por utilizar o termo orgânico/agroecológico, pois entendemos que há uma importante diferença entre a agricultura orgânica e a agroecologia. Nesse artigo não discutiremos essa diferença e não apontaremos quem são os agricultores orgânicos e quem são os

agroecológicos, preferimos utilizar os dois termos.

Dentro do III SEET (Seminário Estadual de Estudos Territoriais), realizado pelo GETERR, em 2007, que teve como tema *a Agroecologia no contexto do desenvolvimento territorial*; de pesquisas de iniciação científica, monografias e dissertações de mestrado; do projeto do Universidade Sem Fronteiras, de colóquios do GETERR, bem como em outros fóruns de diálogo, sobretudo em eventos científicos, percebemos a relevância e a existência de um processo de organização dos agricultores orgânicos/agroecológicos, através de associações formais ou informais, que vem buscando fortalecer a produção e a comercialização de produtos orgânicos, de forma quantitativa e qualitativa.

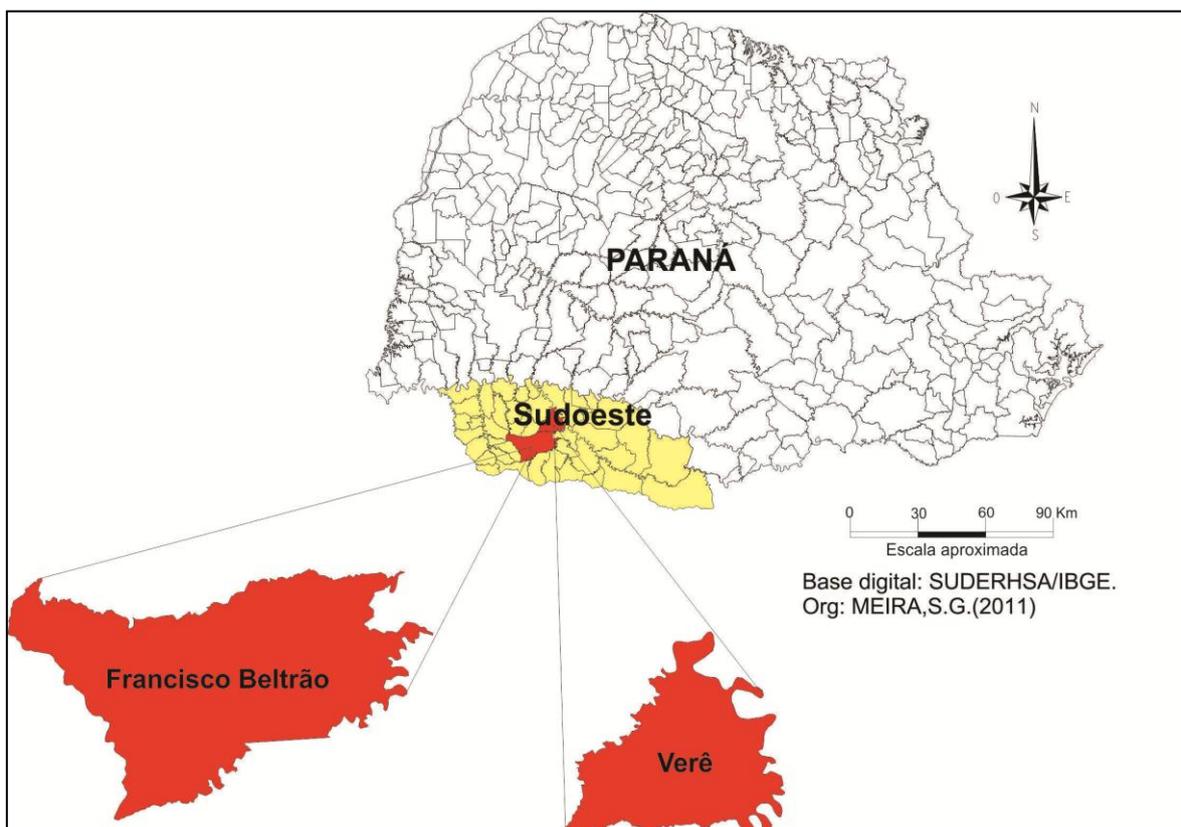
A constituição dessas formas de organização possibilita avanços no aspecto produtivo, na certificação e, sobretudo, na comercialização dos alimentos isentos de agroquímicos. As estratégias de aproximação entre produtor e consumidor, pautadas no estabelecimento de relações de mercado solidárias, tendem a valorizar o trabalho dos agricultores, através do contato direto com os consumidores e da redução de atravessadores na comercialização e, também podem levar à redução dos preços dos alimentos para os consumidores. Desta forma, achamos

pertinente o debruçar sobre a gênese, a composição, os objetivos e as estratégias de comercialização dessas associações, no sentido de verificar a preocupação com relações de mercado solidárias e a existência destas.

Na tentativa de apreender a organização coletiva de agricultores com produção orgânica/agroecológica para a comercialização de seus alimentos, nos propusemos a desenvolver essa pesquisa,

objetivando conhecer duas formas de organização de produtores orgânicos/agroecológicos nos municípios de Francisco Beltrão e Verê, situados no Sudoeste do Paraná (Mapa 1). Assim, procuramos verificar a trajetória de experiências em agricultura orgânica/agroecológica nestes municípios, os agricultores envolvidos com essas práticas e as entidades parceiras.

Mapa 1 - Localização dos municípios de Francisco Beltrão e Verê – SO/PR.



PROCEDIMENTOS

METODOLÓGICOS

Através da revisão bibliográfica, entrevistas e trabalhos de campo, desenvolvemos um estudo sobre a

trajetória de criação e desenvolvimento da Associação de Produtores Agroecológicos de Verê-PR (APAV) e da feira de produtos orgânicos de Francisco Beltrão-PR, que nos permitiu conhecer a história de

formação e as estratégias de organização destas, considerando a produção, o processamento, a certificação e a venda dos produtos.

Para apreender a organização da APAV e da feira, identificamos os agricultores orgânicos/agroecológicos, os alimentos produzidos, as formas de comercialização, as instituições parceiras, as redes estabelecidas, e os avanços e dificuldades enfrentados na produção dos alimentos. Nas atividades de campo, procuramos conhecer a trajetória e forma de organização da APAV em Verê, e da feira de produtos orgânicos em Francisco Beltrão, através de entrevistas com lideranças e agricultores, realizadas nas instituições e em estabelecimentos rurais com produção orgânica nesses municípios. Realizamos leituras sobre Agroecologia e associativismo, que foram sistematizadas em forma de fichamentos. Elaboramos roteiros de entrevistas, destinados aos representantes das associações, para: 1) averiguar a história da organização dos agricultores em Francisco Beltrão e da APAV em Verê; 2) analisar as estratégias de comercialização de cada associação e; 3) identificar relações de mercado solidárias e convencionais.

Foram elaborados questionários aos agricultores orgânicos/agroecológicos para compreendermos a relação destes com as associações e entidades envolvidas, quanto

ao apoio dado à produção, processamento e comercialização dos alimentos, além de aspectos relacionados à satisfação dos agricultores. Coletamos dados, documentos, atas e outras informações sobre os objetivos, membros, trajetória, ações e estratégias da associação e da organização dos produtores. Em seguida, tabulamos e analisamos os dados coletados.

Comercialização de produtos orgânicos no Paraná

No estado do Paraná, as feiras de produtos orgânicos/agroecológicos caracterizam o mercado da venda direta, onde são comercializados produtos certificados e não certificados (IPARDES, 2007). Os produtos não certificados são considerados coloniais e/ou artesanais, porém, não podem ser comercializados como livres de agrotóxicos. Para que o consumidor tenha garantias sobre a procedência e a qualidade dos produtos vendidos como orgânicos, faz-se necessário algum tipo de certificação.

No Brasil, segundo o Decreto 6.323/2007 (Art. 29 § 2), “O Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica é integrado pelos Sistemas Participativos de Garantia da Qualidade Orgânica e pela Certificação por Auditoria”. Assim, o Governo Federal reconhece a *certificação por auditoria* (majoritária no país e

dominada por algumas empresas), e a *certificação participativa* (pouco difundida, porém considerada pelos agricultores e suas entidades representativas mais justa e menos dispendiosa). Segundo levantamento do IPARDES (2007), na região Sudoeste do Paraná, a certificação predominante é a participativa.

A maioria dos produtos comercializados na região Sudoeste do Paraná são produzidos pelos próprios agricultores, grupos ou associações. No caso dos produtos *in natura*, como hortaliças e frutas, a produção costuma seguir as normas da agricultura orgânica/agroecológica, ou seja, não se utilizam agrotóxicos e outros insumos químicos para o cultivo dos alimentos. Porém, para alguns alimentos processados produzidos de forma artesanal, utilizam-se insumos convencionais no processo (por exemplo, pão produzido com farinha de trigo convencional e fermento em pó químico, queijo produzido com leite convencional, etc) (IPARDES, 2007).

De acordo com o estudo realizado pelo IPARDES em 2007, a comercialização de produtos orgânicos pelos supermercados no Paraná tornou-se mais significativa a partir de 2002, e está concentrada praticamente na cidade de Curitiba. Antes do ano 2000 ocorreram as primeiras iniciativas, estabelecidas em associações

de agricultores e gerentes do setor de FLV (frutas, legumes e verduras) de determinadas lojas de redes de supermercado regionais. A produção em maior escala, a definição de alguns itens de logística, regularidade da entrega, e as formas de contratação (prazos de pagamento, consignação, devolução etc.) foram sendo estruturadas. Outro equipamento do mercado varejista são as lojas especializadas e restaurantes, ainda pouco representativos na comercialização de orgânicos no Paraná.

No Paraná, há duas empresas que transacionam produtos orgânicos do grupo das hortaliças com as redes de supermercados, ambas situadas na Região Metropolitana de Curitiba (RMC). Embora mantenham áreas próprias de cultivo (cerca de 25%), a maior parte da produção que negociam é oriunda de mais de 100 agricultores familiares produtores de hortaliças orgânicas (a grande maioria da RMC), com os quais estabelecem contrato do tipo parceria ou de integração, dependendo da situação (IPARDES, 2007).

Esse aspecto demonstra que mesmo absorvendo a produção agroecológica de agricultores familiares, a integração destes com as grandes empresas de orgânicos acaba favorecendo a empresa, pois apesar de garantir ao agricultor o escoamento de sua produção, a maior parte dos lucros

dessa produção fica com as empresas. Além disso, as negociações com as empresas levam os agricultores a adotarem uma lógica economicista que acaba aumentando sua subordinação aos mercados, e conseqüentemente reduzindo a autonomia dos agricultores familiares orgânicos/agroecológicos.

O mercado de transformação dos produtos orgânicos/agroecológicos é representado por empresas processadoras e beneficiadoras, e de forma mais tímida, pelas agroindústrias familiares. Aqueles agricultores que não processam/beneficiam seus produtos em agroindústrias próprias (individuais ou coletivas), acabam fornecendo o excedente de seu consumo e da comercialização *in natura* para serem processados/beneficiados pelas empresas, que por sua vez, acabam obtendo a maior parte dos lucros.

O mercado voltado para a exportação envolve empresas comerciais que atuam segundo demandas preestabelecidas por compradores externos e os agricultores, direta ou indiretamente, através de entidades representativas. No mercado institucional, os agentes envolvidos são instituições governamentais, desde as federais às municipais, bem como organizações de agricultores, que destinam seus produtos para escolas, creches, etc (IPARDES, 2007).

Como tentativa de ampliar os benefícios para os agricultores familiares, as associações e/ou cooperativas de agricultores que atuam na transformação de alimentos orgânicos/agroecológicos e na organização para comercialização de produtos *in natura* e processados, têm um papel fundamental. Além disso, a organização dos produtores para comercializar seus produtos tende a beneficiar também os consumidores, sobretudo quando estão pautadas em relações de mercado locais e solidárias.

Comercialização da produção familiar de alimentos orgânicos/agroecológicos

A produção familiar de alimentos orgânicos/agroecológicos criou novas formas de comercialização, onde se privilegiou a venda direta ao consumidor, em feiras, eventos regionais, venda na própria propriedade, entrega em domicílio e mercados organizados por associações ou cooperativas de produtores orgânicos/agroecológicos. Esse tipo de comércio constrói espaços de sociabilidade, degustação de produtos, reeducação de hábitos alimentares, difusões de informações, e chega a constituir organizações de consumidores ecológicos que se diferenciam dos convencionais, quando buscam alimentos livres de resíduos tóxicos e com selos de

garantia e origem regional. (BRANDENBURG, 2002).

De acordo com Hespanhol (2008) a comercialização dos produtos agroecológicos geralmente é local devido à pequena escala de produção, resultando em maior autonomia do produtor. As vendas realizadas no atacado, geralmente são ligadas as associações e/ou cooperativas, que conseguem reunir um volume maior e mais diversificado de produtos, adquirindo um significativo poder para negociar com as redes varejistas.

Apesar da importância e da viabilidade econômica e social da comercialização direta dos produtos orgânicos/agroecológicos (através de feiras, na própria propriedade rural, com entregas em domicílio, e em mercados diferenciados organizados por associações ou cooperativas de agricultores orgânicos/agroecológicos), que permitem um contato entre produtor e consumidor e uma renda maior aos agricultores, consideramos que há uma tendência de ampliação do escoamento e da comercialização desses produtos nos mercados varejistas.

Mesmo se apresentando como nicho de mercado, a inserção dos produtos denominados ecológicos em espaços de comercialização tradicionais, como nos mercados varejistas, acaba desfavorecendo os agricultores envolvidos, pois ao adotar a

mesma lógica de aquisição e comercialização dos produtos convencionais, os mercados varejistas e seus intermediários acabam se apropriando do lucro que deveria ser repassado aos agricultores. Geralmente é comum nos deparamos com os altos preços dos alimentos orgânicos nos mercados, mais caros que os alimentos convencionais, enquanto em espaços de comercialização direta como as feiras, cestas e mercados administrados pelos próprios agricultores, os preços dos produtos tendem a ser bem mais acessíveis. Portanto, ao analisar a agroecologia como elemento de fortalecimento da autonomia dos agricultores, não basta focalizar somente o aspecto da produção de alimentos alternativos/ecológicos e de sua certificação, sendo necessário também verificar como se dá o escoamento e a comercialização desses produtos diferenciados.

O aumento da procura e do interesse por alimentos orgânicos por parte dos mercados varejistas, leva alguns agricultores ou associações a fechar contratos ou mesmo acordos informais de entrega para tais mercados. Essa estratégia acaba prejudicando a relação direta entre produtor e consumidor, sobretudo para os consumidores, que pagam mais caro pelos alimentos orgânicos/agroecológicos comercializados pelos mercados varejistas.

Outro fato a ser destacado reside na subordinação dos agricultores e suas associações a esses mercados, principalmente no caso de contratos firmados entre as partes.

Para comercializar os alimentos orgânicos e/ou agroecológicos, os mercados varejistas exigem a identificação e certificação adequada. Porém ao se adaptar às exigências dos mercados varejistas, o processo de comercialização dos produtos agroecológicos entra na lógica ditada por estes. Assim, apesar de se manter ambientalmente correta, a produção, certificação e comercialização desses alimentos pode deixar de ser socialmente justa a partir do momento em que há apropriação do trabalho e dos lucros dos agricultores pelos mercados.

Conforme já colocado, a aproximação entre produtores e consumidores de alimentos agroecológicos é algo fundamental para o fortalecimento da agroecologia e da autonomia dos agricultores envolvidos. A venda direta elimina os intermediários e, conseqüentemente, torna-se mais vantajosa para produtores - que acabam tendo mais lucro e uma relação direta com os consumidores de seus alimentos - bem como para os consumidores - que adquirem produtos com preços mais baixos do que os ditados pelos mercados e passam a conhecer e dialogar com os

agricultores. Assim, há uma aproximação entre produtor e consumidor, fato que tende a desencadear relações de solidariedade, formas de comércio mais justas, melhoria da auto-estima dos agricultores, compreensão da importância da agroecologia e da realidade dos produtores por parte dos consumidores, bem como um maior conhecimento dos agricultores a respeito dos anseios dos consumidores.

Entendendo que a comercialização direta é positiva, procuramos, a seguir, apreender como se dá a organização dos produtores agroecológicos dos municípios de Francisco Beltrão e Verê, Sudoeste do Paraná, para a venda de seus alimentos. Para essa pesquisa, estamos entendendo que apenas os agricultores familiares/camponeses que vem desenvolvendo a agricultura orgânica podem ser considerados agricultores agroecológicos. Já as empresas e os agricultores com propriedades maiores que 50 hectares (considerados médios e grandes agricultores), desenvolvem a agricultura orgânica e não a agroecologia. Através das entrevistas e dos trabalhos de campo, verificamos que existem diferenças nas estratégias de organização dos agricultores e de comercialização dos produtos nos municípios de Francisco Beltrão e de Verê, como veremos a seguir.

Organização dos produtores e comercialização de produtos orgânicos/agroecológicos no município de Francisco Beltrão e Verê (Paraná)

Em Francisco Beltrão, as formas de comercialização são variadas e cada agricultor possui uma ou mais formas para vender seus produtos orgânicos/agroecológicos. De modo geral, as formas de comercialização no município são as seguintes: 1) direta nos estabelecimentos rurais, geralmente por vizinhos e conhecidos; 2) na Cooperativa de Comercialização da Agricultura Familiar Integrada (COOPAFI), localizada no Bairro da Cango, no perímetro urbano; 3) para o Programa de Aquisição de

Alimentos da Secretaria da Agricultura do Governo Federal; 4) em mercados verejistas convencionais (supermercados) do município e da região e; 5) direta na feira de produtos orgânicos promovida por iniciativa dos próprios agricultores. Essa feira se constitui na prioridade dos agricultores envolvidos no que tange a comercialização. A relação direta que ocorre entre produtor e consumidor na feira é bastante significativa, caracterizando-se como uma relação de mercado solidário. O espaço para a realização da feira é pequeno e se dá na calçada de uma via pública. As tendas não são fixas e a exposição dos produtos não é a mais correta (figura 1).

Figura 1 - Feira Agroecológica em Francisco Beltrão.



Fonte: GRISA, F. (2009).

A feira é realizada todas as sextas-feiras no Bairro da Congo, próximo ao centro da cidade. A idéia da feira surgiu a partir do *Projeto Vida na Roça* de 1996, em uma parceria da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) e a ASSESOAR (Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural), uma ONG que atua com a formação de famílias agricultoras no Sudoeste do Paraná, presta assessoria técnica aos agricultores orgânicos/agroecológicos e, auxilia na organização da feira. Segundo técnicos da ASSESOAR, desde 1990 já havia toda uma organização, um pensar sobre como fazer uma feira diferenciada, num processo de formação chamado ECA (Escola Comunitária Agrícola). Nas ECA's o ensino era de caráter informal e não ocorria elevação de grau. Contudo, os agricultores se reuniam para estudar e se organizar, sobretudo nos aspectos político e produtivo. Assim, foi a partir das ECAs que surgiu a idéia de se comercializar os produtos orgânicos/agroecológicos diretamente em uma feira.

Já em Verê, parte dos produtos são comercializados em um pequeno mercado da própria associação (APAV), localizado na área urbana do município. Esta associação tem por objetivo organizar a comercialização e a produção para que os produtores não produzam os mesmos alimentos, gerando sobra de determinado

produto e falta de outros. O excedente é embalado e vendido em mercados regionais e em um supermercado de Curitiba.

A APAV surgiu em agosto de 2001, com a iniciativa de cinco produtores de hortaliças, que entregavam cestas (nomeadas “cesta semear”) semanalmente na cidade, tendo como parceiros o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), a Prefeitura Municipal, o CAPA (Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor) e a CRESOL (Cooperativa de Crédito Solidário), que estava se instalando no município nesse período. Entre as instituições citadas, destacamos o papel do CAPA, que além da assistência técnica aos agricultores na produção, foi o principal responsável pela criação da APAV e do mercado.

Com o crescimento da oferta de alimentos orgânicos/agroecológicos, a comercialização através das cestas não conseguia absorver toda a produção. Assim, com a participação do técnico do CAPA, Décio Cagnini e do coordenador regional do CAPA Vilmar Sar, as famílias que vinham produzindo alimentos orgânicos/agroecológicos tiveram a ideia de criar um pequeno mercado que permitisse vender toda a produção. Assim surgiu a APAV, a partir da organização coletiva dos agricultores e de técnicos, que sentiram a necessidade de trabalhar de

forma planejada, visando reduzir o excesso ou a falta de determinado produto através da otimização da comercialização no mercado da Associação. Hoje, a APAV é uma referência regional no que tange a produção e a comercialização de alimentos orgânicos/agroecológicos.

Através das entrevistas e trabalhos de campo, ficou evidente que a APAV vem avançando e se consolidando, e que há uma perspectiva de crescimento da

produção, do processamento e da comercialização dos alimentos. Contudo, as lideranças da APAV afirmam que a prioridade é abastecer o mercado local e regional. A figura 2 apresenta o espaço de comercialização da APAV em Verê, com produtos *in natura* e industrializados. Alguns produtos industrializados comercializados no mercado não são agroecológicos.

Figura 2 - Mercado da APAV em Verê-PR.



Fonte: GAIOVICZ, E. F. (2009)

Se compararmos o espaço de comercialização da feira de Francisco Beltrão com o espaço do mercado da APAV, fica claro que o mercado da APAV possui melhores condições para a disposição e armazenamento dos produtos.

Enquanto no mercado os produtos ficam protegidos do sol e de possíveis contaminantes provenientes do ar, na feira de Francisco Beltrão os produtos ficam expostos ao sol e ao lado da rua,

facilitando a contaminação por materiais em suspensão no ar.

Outro diferencial entre a associação de Verê e a feira de Francisco Beltrão é o apoio técnico que estas recebem. Enquanto os produtores da feira agroecológica não possuem assistência direta, contando apenas com algum apoio da ONG ASSESOAR, os produtores da APAV têm apoio direto de técnicos do CAPA e da prefeitura municipal, encontrando-se melhor estruturados.

O transporte dos produtos até a APAV é realizado com um veículo próprio e um motorista cedido pela prefeitura, porém os agricultores pagam uma taxa (R\$ 2,00 por viagem) para o transporte dos alimentos da propriedade. Para se associar a APAV, cada agricultor paga uma anuidade correspondente a uma saca de milho. Além disso, a associação fica com 30% da receita total obtida com a venda dos produtos. Em Francisco Beltrão, a maior parte dos produtores vinculados à feira transporta seus produtos por ônibus ou com veículo próprio, ficando evidente a dificuldade no transporte e a falta de apoio institucional, contrário ao que ocorre em Verê.

Enquanto na feira de produtos orgânicos não há nenhum apoio da prefeitura de Francisco Beltrão, na feira de produtos convencionais realizada na praça central da cidade, a prefeitura é responsável pela

organização e dá todo o apoio necessário (montagem de barracas, energia elétrica, placas nas barracas, etc). Ressaltamos que na feira convencional apoiada pela prefeitura, existe apenas um agricultor que comercializa alimentos orgânicos/agroecológicos. Assim, ficam nítidas as intencionalidades da prefeitura municipal de Francisco Beltrão, que apóia a feira de produtos convencionais (com uso de agrotóxicos) e ignora a feira de produtos orgânicos.

O número de agricultores envolvidos com cada iniciativa (mercado da APAV em Verê e feira de produtos orgânicos de Francisco Beltrão) também é um diferencial, pois enquanto existem 12 agricultores vinculados à feira orgânica de Francisco Beltrão, a APAV possui mais de 70 associados (fornecedores simpatizantes e produtores), apesar de apenas 25 entregarem produtos na associação frequentemente. Portanto, enquanto em Francisco Beltrão todos os feirantes são agricultores que priorizam a feira, a APAV é constituída também por simpatizantes da agroecologia e outros agricultores que não tem uma regularidade na entrega de produtos. Cabe ressaltar que a APAV é uma associação formal, uma pessoa jurídica, enquanto a organização dos agricultores de Francisco Beltrão ainda é informal.

Nas entrevistas realizadas com os agricultores orgânicos/agroecológicos de Verê, ficou nítida a satisfação destes em serem sócios da APAV. Para os entrevistados, a principal vantagem é ter um local para comercializar e escoar a produção, porém um agricultor que produz grãos diz ter dificuldade para comercializá-los, uma vez que para o Programa de Aquisição de Alimentos via APAV são comercializados de duas a três sacas de feijão por mês, enquanto o restante da produção acaba ficando armazenado. Os agricultores entrevistados também citam o apoio técnico que recebem do CAPA como uma vantagem, mas reclamam que o técnico deveria realizar visitas com mais frequência. Sobre as dificuldades na produção, destacam o combate de pragas e o alto custo de insumos orgânicos necessários para o controle.

Conforme entrevista realizada com Schneider (2009) a APAV tem fundamental importância, pois organiza a comercialização dos produtos, mantém os agricultores unidos e em contato, através de reuniões mensais realizadas para prestação de contas, planejamento, troca de conhecimento e experiência. Para as perspectivas futuras sinaliza que a APAV terá vida enquanto tiver produtores animados, motivados e comprometidos com a produção de alimentos saudáveis.

Em Francisco Beltrão os agricultores vinculados à feira agroecológica se mostram bastante satisfeitos, principalmente por terem um espaço diferenciado de comercialização. Dos três produtores entrevistados, apenas um não fica na feira, porém leva seus produtos para que os colegas comercializem. Na feira, realizada todas as sextas-feiras pela manhã, nem todos os 12 agricultores que são vinculados realizam a venda, de modo que alguns apenas mandam os produtos para serem comercializados. O controle é realizado por um sistema de fichas, onde cada produtor tem um número. Todos comercializam os produtos de todos e, no final da feira, cada um sabe quanto vendeu e quanto vai receber. Para os outros dois produtores que ficam na feira, além do espaço para comercialização, estes apontam como vantagens a relação direta com os consumidores, sendo que muitos se tornam amigos e clientes fiéis. Além disso, apontam como vantagem a divulgação da forma com que os alimentos são produzidos; a autonomia na comercialização e o retorno financeiro, pois a maior parte da renda familiar vem da feira.

Como benefício comum da agroecologia entre os produtores de Verê e Francisco Beltrão, destaca-se a qualidade de vida e o bom retorno financeiro, e como uma desvantagem e/ou dificuldade, a falta de

políticas públicas e financiamentos adequados à produção agroecológica.

A pesquisa mostrou a importância da organização dos agricultores no que se refere à comercialização, ao apoio técnico e ao desenvolvimento da produção agroecológica. A maioria dos produtores entrevistados, mesmo comercializando seus produtos na propriedade diretamente com os consumidores, vende a maior parte da produção via APAV, no caso de Verê, e na feira agroecológica, em Francisco Beltrão. A APAV tem papel fundamental na busca de novos mercados locais e regionais e no controle da produção e do processamento dos produtos, pois possui balança, freezer, embalagens, etiquetas com informações sobre os produtos e outros equipamentos importantes. A organização dos produtores agroecológicos de Francisco Beltrão também realiza o controle da produção comercializada na feira, de modo que cada produtor já tem definido os itens que deve levar para feira, não gerando concorrência interna. Contudo, faltam embalagens adequadas e etiquetas contendo informações nutricionais sobre os produtos.

Nos dois casos estudados, a integração e organização dos agricultores agroecológicos foram de extrema importância para impulsionar a produção agroecológica. Para os produtores, a organização coletiva ajuda a superar as

dificuldades, e a disseminar e consolidar práticas e experiências bem sucedidas em torno da agroecologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da tendência de apropriação da agricultura orgânica por parte de empresas e grandes produtores rurais, os pequenos agricultores têm papel importante no processo de fortalecimento da agricultura orgânica por meio da agroecologia, pois estes possuem alguma autonomia nas suas decisões. Entendemos que cabe aos agricultores familiares adeptos da agroecologia, considerar para além dos aspectos econômicos, a dimensão social, cultural e ambiental da agroecologia, de modo que a qualidade dos produtos, as relações diretas com os consumidores, a organização produtiva familiar em busca de melhoria de sua qualidade de vida devem ser elementos para orientar suas decisões.

Além da busca por melhorias quantitativas e qualitativas em termos de produção, é preciso ater-se às formas de comercialização e certificação dos alimentos orgânicos/agroecológicos, pois não basta produzir de forma ecologicamente correta e permitir que a exploração dos agricultores através da apropriação de sua riqueza se mantenha. Para que a agroecologia seja sustentável, é

preciso ligar produção e comercialização, e para que a comercialização seja justa e solidária os sistemas de certificação devem ser flexíveis e adaptáveis à realidade dos agricultores familiares.

Neste sentido é que ganham importância experiências de ações coletivas de produtores familiares em associações, cooperativas, ou simples organizações informais. Tais experiências vêm se consolidando e crescendo cada vez mais, e são de significativa importância para a expansão do movimento agroecológico, uma vez que se tratando de pequenos agricultores familiares, o domínio das ações a serem tomadas quanto à produção, comercialização e relação com os demais envolvidos, diz respeito à organização coletiva dos agricultores. No entanto, além da autonomia coletiva, é preciso fortalecer também a autonomia individual dos agricultores e de suas famílias.

Fica evidente que as associações, organizações e até mesmo os grupos informais, são importantes aliados para melhoria das condições de reprodução socioeconômica dos agricultores familiares, que quando organizados possuem força para vencer os obstáculos, principalmente financeiros e tecnológicos, e permanecer na terra. As pequenas propriedades passam a ter condições de explorar melhor sua unidade produtiva, e

contar com uma ajuda logística para distribuir e comercializar a produção.

As associações ou grupos acabam sendo um ponto de referência, porém sua atuação vai muito além do apoio que facilita o acesso a recursos para produção e comercialização dos produtos. Através da convivência se fortalecem os laços de amizade, confiança e ajuda mútua. As trocas de experiência positivas e negativas fortalecem os agricultores, que acabam tendo mais ânimo para desempenhar suas atividades e maior potencial de crescimento enquanto grupo.

Os resultados obtidos durante o processo de pesquisa deixam claro que a produção agroecológica é efetivamente uma das possibilidades alternativas para o desenvolvimento local, pois proporciona a produção de alimentos saudáveis, renda complementar para as famílias rurais, melhoria na auto-estima dos agricultores e condições bastante favoráveis à preservação do ambiente. No entanto, para fortalecer a agroecologia, faz-se necessário incentivar e consolidar a organização política dos agricultores, pautando-se na autonomia destes e na aproximação com os consumidores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jalcione. Agroecologia: paradigma para tempos futuros ou resistência para o tempo presente? In: BRANDENBURG, Alfio (Org.).

Desenvolvimento e Meio Ambiente: caminhos da agricultura ecológica, Curitiba (Editora da UFPR), n.6, 2002, p. 29-40.

ASSIS, R. L. de; ROMEIRO, A. R. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências In: BRANDENBURG, Alfio (Org.).

Desenvolvimento e Meio Ambiente: caminhos da agricultura ecológica, Curitiba (Editora da UFPR), n.6, 2002, p. 67-80.

BRANDENBURG, A. Movimento Agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas In: BRANDENBURG, Alfio (Org.). **Desenvolvimento e Meio Ambiente:** caminhos da agricultura ecológica, Curitiba (Editora da UFPR), n.6, 2002, p.11-28.

BRASIL. Decreto n. 6323 de 27 de dezembro de 2007. Disponível em <<http://www.planetaorganico.com.br/decreto6323.htm>> Acesso em: 09 de mar. de 2009.

CANDIOTTO, CARRIJO E OLIVEIRA. A Agroecologia e as Agroflorestas no contexto de uma Agricultura Sustentável In: ALVES, A. F.; CARRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (Org.). **Desenvolvimento Territorial e Agroecologia.** São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 213-232.

HESPANHOL, A. N. Desafios da geração de renda em pequenas propriedades e a questão do Desenvolvimento Rural Sustentável no Brasil. In: ALVES, A. F.; CARRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (Org.). **Desenvolvimento Territorial e Agroecologia.** São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 81-93.

HESPANHOL, R. A. de M. Agroecologia: Limites e perspectivas In: ALVES, A. F.; CARRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (Org.). **Desenvolvimento Territorial e Agroecologia.** São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 117-136.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **O mercado de orgânicos no Paraná:** caracterização e tendências. Curitiba, 2007. 188 p.

SCHNEIDER, R. (2009). **Surgimento e ações da APAV (Associação dos produtores agroecológicos de Verê).** Verê – Paraná, 07 de maio de 2009. Entrevista concedida a Suzana Gotardo de Meira.